

Quando a Lei Áurea foi promulgada, em 13 de maio de 1888, ficou proibida a escravização de pessoas dentro do território brasileiro. O Brasil foi o último grande país ocidental a extinguir a escravidão e, como aconteceu na maioria dos outros países, não se criou um sistema de políticas públicas para inserir os escravos libertos e seus descendentes na sociedade, garantindo a essa população direitos humanos, como moradia, saúde e alimentação, além do estudo formal e posições no mercado de trabalho.

Os escravos recém-libertos foram habitar os locais onde ninguém queria morar, como os morros, na costa da Região Sudeste, formando as favelas. As favelas sustentam a ideia de exclusão racial e social desde a abolição da escravatura até os dias atuais. Sem emprego, sem moradia digna e sem condições básicas de sobrevivência, o fim do século XIX e a primeira metade do século XX do Brasil foram marcados pela miséria e sua resultante violência entre a população negra e marginalizada.

Quanto à população indígena sobrevivente do genocídio promovido contra o seu povo, havia cada vez mais invasão de suas terras e desmembramento de suas aldeias. Essas ações sistêmicas promoveram e sustentam até hoje a exclusão racial em nosso país, o que resultou em diversos estudos sociológicos. Dentre eles, destacamos os estudos de dois pensadores brasileiros:

→ Gilberto Freyre (1900-1987)

O historiador, sociólogo e escritor pernambucano, oriundo de família rica e tradicional, escreveu a primeira grande obra brasileira que trata das relações entre senhores e escravos no período colonial e imperial no Brasil, o livro *Casa Grande e Senzala*, publicado em 1936. Apesar do grande destaque que os escritos freyreanos ganharam na Sociologia brasileira, suas teorias centrais são muito criticadas por falarem de uma suposta formação nacional baseada em uma democracia racial existente nas relações entre negros e brancos.

Freyre não utiliza o termo “democracia racial” em *Casa Grande e Senzala*, mas descreve relações amistosas entre brancos e negros baseando-se na miscigenação do povo brasileiro, característica pouco comum em países que tiveram escravos de origem africana. O autor fala sobre um sistema de relações de poder nítido no período colonial, no qual a sociedade patriarcal privilegiava os homens, inclusive no caso de escravismo, pois a mulher negra seria a última na cadeia hierárquica.

Quando o senhor escolhia as escravas com quem ele queria relacionar-se, e isso era comum, as senhoras acabavam tomando rancor dessas escravas e maltratando-as. Assim, a visão de Freyre de uma democracia pela miscigenação não se sustenta, pois, segundo Ronaldo Vainfas, historiador e professor brasileiro, é “por constatar que os portugueses se sentiram sexualmente atraídos por índias, negras e mulatas que Freyre deduz, equivocadamente, a ausência de preconceito racial entre estes colonizadores”.

Essa miscigenação, fruto daquela suposta atração sexual dos colonizadores pelas negras e pelas índias, foi, na verdade, causa de estupro sistêmicos e de relações abusivas dos senhores, tratando as mulheres negras e indígenas como meros objetos.

Falando a respeito da ideia de hegemonia e superioridade da raça branca, ideologia em alta na Europa por causa do regime nazista, do fascismo na Itália e com ecos até aqui no Brasil, com o Integralismo, Freyre ainda argumenta contrariamente, dizendo que a miscigenação é que provocaria o melhoramento racial, o que resultaria no melhoramento e no enriquecimento genético dos brasileiros e que comporia a grande diversidade da formação social brasileira.

→ Florestan Fernandes (1920-1995) - Sociólogo e político paulista formado pela Universidade de São Paulo (USP), Florestan Fernandes veio de família humilde. Filho de mãe solteira e tendo que trabalhar desde sua infância, a sua produção intelectual voltou-se, em vários períodos, para pessoas de sua origem social. Crítico das ideias de Gilberto Freyre, Fernandes dedicou-se a estudar as relações entre miséria e a população negra no Brasil. Sua tese de livre-docência, defendida na Universidade de São Paulo e intitulada *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, trata do racismo sistêmico e da persistente segregação dos negros na economia brasileira, que, na visão do pensador, começou com a escravidão e nunca foi superada. A visão de Florestan Fernandes abre espaço para críticas em relação à democracia racial proposta por Gilberto Freyre e abre os olhos de intelectuais e autoridades sobre o racismo estrutural no Brasil.



O fato é que houve, por aqui, um predomínio muito forte do racismo estrutural\*, durante anos imperceptível, ao passo que nos Estados Unidos havia um sistema oficial de segregação de raças, o que levou a um grande levante negro contra a discriminação. Nos Estados Unidos, personalidades como Martin Luther King, Rosa Parks, Muhammad Ali e Malcolm X, além de movimentos radicais como os *Panteras Negras*, lutavam, uns utilizando-se da resistência pacífica e outros do combate, contra a segregação.

Ilustração de Malcolm X, um dos líderes do movimento negro nos Estados Unidos, na década de 1960.

\* Racismo estrutural é a formalização de um conjunto de práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais dentro de uma sociedade que frequentemente coloca um grupo social ou étnico em uma posição melhor para ter sucesso e ao mesmo tempo prejudica outros grupos de modo consistente e constante.

1. Quando ficou proibida a escravização de pessoas dentro do território brasileiro?
2. Que país foi o último a extinguir a escravidão na América?
3. Como aconteceu a abolição da escravidão negra na maioria dos países em relação à inclusão do negro na sociedade?
4. Onde os escravos recém-libertos foram habitar depois da abolição?
5. Qual é o sentido de favela em relação à inclusão do negro na sociedade?
6. Como foram marcados os primeiros anos de liberdade nos negros na maioria dos países colonizados?
7. Quanto à população indígena sobrevivente à colonização, que situação é descrita no texto?
8. Quem foi Gilberto Freyre e qual foi sua principal obra?
9. Apesar do grande destaque que os escritos freyreanos ganharam na Sociologia brasileira, suas teorias centrais são muito criticadas. Por que os escritos de Gilberto Freyre são criticados?
10. Freyre não utiliza o termo “democracia racial” em *Casa Grande e Senzala*, mas descreve relações pouco comuns aos países escravistas. Quanto a isso, o que é descrito no texto?

11. O autor fala sobre um sistema de relações de poder nítido no período colonial. Qual?
12. Que trecho do texto, deixa nítido que a visão de Freyre de uma democracia pela miscigenação não se sustenta?
13. De acordo com o texto, o que representou, realmente, a miscigenação no Brasil?
14. Segundo o texto, o que Gilberto Freyre argumenta sobre a miscigenação no Brasil?
15. Quem foi Florestan Fernandes?
16. Qual foi o papel de Florestan Fernandes no que se refere ao estudo da situação social no negro no Brasil?
17. Qual foi a principal obra de Florestan Fernandes e do que trata?
18. Qual a importância da visão Florestan Fernandes quanto à situação do negro no Brasil?
19. No Brasil, houve um predomínio muito forte do racismo estrutural. Que tipo de racismo é este?
20. Nos Estados Unidos havia um sistema oficial de segregação de raças. Qual foi a consequência disso?
21. Qual a importância de personalidades como Martin Luther King, Rosa Parks, Muhammad Ali e Malcolm X, além de

1. Quando a Lei Áurea foi promulgada, em 13 de maio de 1888,
2. O Brasil
- 3, não se criou um sistema de políticas públicas para inserir os escravos libertos e seus descendentes na sociedade, garantindo a essa população direitos humanos, como moradia, saúde e alimentação, além do estudo formal e posições no mercado de trabalho.
4. Os escravos recém-libertos foram habitar os locais onde ninguém queria morar, como os morros, na costa da Região Sudeste, formando as favelas.
5. As favelas sustentam a ideia de exclusão racial e social desde a abolição da escravidão até os dias atuais.
6. Sem emprego, sem moradia digna e sem condições básicas de sobrevivência, o fim do século XIX e a primeira metade do século XX do Brasil foram marcados pela miséria e sua resultante violência entre a população negra e marginalizada.
7. Quanto à população indígena sobrevivente do genocídio promovido contra o seu povo, havia cada vez mais invasão de suas terras e desmembramento de suas aldeias. Essas ações sistêmicas promoveram e sustentam até hoje a exclusão racial em nosso país.
8. O historiador, sociólogo e escritor pernambucano, oriundo de família rica e tradicional, escreveu a primeira grande obra brasileira que trata das relações entre senhores e escravos no período colonial e imperial no Brasil, o livro *Casa Grande e Senzala*, publicado em 1936.
9. Por falarem de uma suposta formação nacional baseada em uma democracia racial existente nas relações entre negros e brancos.
10. Relações amistosas entre brancos e negros baseando-se na miscigenação do povo brasileiro, característica pouco comum em países que tiveram escravos de origem africana.
11. A sociedade patriarcal privilegiava os homens, inclusive no caso de escravismo, pois a mulher negra seria a última na cadeia hierárquica.
12. Quando o senhor escolhia as escravas com quem ele queria relacionar-se, e isso era comum, as senhoras acabavam tomando rancor dessas escravas e maltratando-as. Assim, a visão de Freyre de uma democracia pela miscigenação não se sustenta, pois, segundo Ronaldo Vainfas, historiador e professor brasileiro, é “por constatar que os portugueses se sentiram sexualmente atraídos por índias, negras e mulatas que Freyre deduz, equivocadamente, a ausência de preconceito racial entre estes colonizadores”.
13. Essa miscigenação, fruto daquela suposta atração sexual dos colonizadores pelas negras e pelas índias, foi, na verdade, causa de estupros sistêmicos e de relações abusivas dos senhores, tratando as mulheres negras e indígenas como meros objetos.
14. Argumenta que provocaria o melhoramento racial, o que resultaria no melhoramento e no enriquecimento genético dos brasileiros e que comporia a grande diversidade da formação social brasileira.
15. Sociólogo e político paulista formado pela Universidade de São Paulo (USP), Florestan Fernandes veio de família humilde. Filho de mãe solteira e tendo que trabalhar desde sua infância, a sua produção intelectual voltou-se, em vários períodos, para pessoas de sua origem social.
16. Crítico das ideias de Gilberto Freyre, Fernandes dedicou-se a estudar as relações entre miséria e a população negra no Brasil.
17. Sua tese de livre-docência, defendida na Universidade de São Paulo e intitulada *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, trata do racismo sistêmico e da persistente segregação dos negros na economia brasileira, que, na visão do pensador, começou com a escravidão e nunca foi superada.
18. A visão de Florestan Fernandes abre espaço para críticas em relação à democracia racial proposta por Gilberto Freyre e abre os olhos de intelectuais e autoridades sobre o racismo estrutural no Brasil.
19. é a formalização de um conjunto de práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais dentro de uma sociedade que frequentemente coloca um grupo social ou étnico em uma posição melhor para ter sucesso e ao mesmo tempo prejudica outros grupos de modo consistente e constante.
20. Um grande levante negro contra a discriminação.
21. Lutavam, uns utilizando-se da resistência pacífica e outros do combate, contra a segregação.